



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA FRANCESA

JOSEIRES DIOGNA MONTEIRO BARBOSA

LA PESTE, DE ALBERT CAMUS: ENTRE O ABSURDO E A REVOLTA

João Pessoa

2018

JOSEIRES DIOGNA MONTEIRO BARBOSA

LA PESTE, DE ALBERT CAMUS: ENTRE O ABSURDO E A REVOLTA

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Francesa.

Orientador: Prof. Dr. Vinícius Meira.

JOÃO PESSOA-PB

2018

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade Federal da Paraíba.

Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Barbosa, Joseires Diogna Monteiro .

La peste, de Albert Camus: entre o absurdo e a revolta / Joseires Diogna Monteiro Barbosa. - João Pessoa, 2018.

38 f.

Monografia (Graduação em Letras, língua francesa) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Orientador: Prof. Dr. Vinícius Meira.

1. Peste. 2. Absurdo. 3. Revolta. I. Camus, Albert. II. Título.

BSE-CCHLA

CDU 82-31(44)

LA PESTE, DE ALBERT CAMUS: ENTRE O ABSURDO E A REVOLTA:

Trabalho de Conclusão de Curso, aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras no Curso de Letras-Francês, da Universidade Federal da Paraíba.

Data de Aprovação: 13/06/2018

Banca Examinadora

Prof. Dr. Vinícius Meira

Orientador

Prof. Dr. José Roberto Andrade Féres

Examinador

Pr^a. Dr^a. Sandra Helena Gurgel Dantas

Examinadora

Prof^a. Dr^a. Gláucia Vieira Machado

Suplente

AGRADECIMENTOS

A minha companheira e amiga, Rogéria, por sempre acreditar no meu potencial e me apoiar em tudo. A minha mãe, Maria, por ser o meu suporte em todas as horas.

Agradeço, em especial, ao professor Vinícius, pela sua atenção para comigo, a sua orientação e as observações que muito me ajudaram a concluir essa monografia.

Aos professores do curso de letras, em especial aos de língua francesa, por terem compartilhado conhecimentos e experiências ao longo do curso.

Aos professores que fazem parte da banca examinadora, obrigada pela disposição.

Aos amigos do início do curso, e aos que me acompanharam até esse momento.

*Comme les grandes oeuvres, les sentiments
profonds signifient toujours plus qu'ils n'ont
conscience de le dire.*

Albert Camus

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de análise o romance *La Peste*, do escritor franco-argelino Albert Camus, publicado em 1947. O livro retrata a história fictícia de uma cidade chamada Oran, palco da manifestação de uma terrível epidemia, a peste bubônica. *La Peste* foi criada para agregar ao conjunto de obras que expressam o conceito de revolta, mas consideramos que o romance também traz, em sua narrativa, aspectos condizentes com o conceito de absurdo. Propomos, então, uma análise crítica que permita uma leitura capaz de situá-la como obra que transita entre o *absurdo* e a *revolta*. Temos como objetivo discutir e elucidar os elementos referentes a cada conceito. A nossa análise encontra respaldo nos trabalhos de Vicente Barreto, José Jackson Carneiro de Carvalho, André Maurois, entre outros.

Palavras-chave: Albert Camus; Peste; Absurdo; Revolta.

RESUMÉ

Ce travail a pour objet de recherche le roman *La Peste* de l'écrivain Albert Camus, publié en 1947. Le livre dépeint une histoire de fiction sur une ville qui s'appelle Oran, scène de la manifestation d'une terrible épidémie, la peste bubonique. *La Peste* a été créé pour adérer à l'ensemble des oeuvres qui expriment le concept de la révolte, mais nous considérons que le roman apporte également, dans son récit, des aspects qui correspondent au concept de l'absurde. Nous proposons, alors, une analyse critique qui permet une lecture capable de la situer comme oeuvre qui transite entre *l'absurde* et *la révolte*. Nous visons à discuter et élucider les éléments se référant à chaque concept. Notre analyse est basée sur les travaux de Vicente Barreto, José Jackson Carneiro de Carvalho, André Maurois, entre autres.

Mots-clés: Albert Camus; Peste; Absurde; Révolte

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPITULO I – CAMUS: VIDA E OBRA	12
1.1 Albert Camus.....	12
1.2 A Obra Camusiana.....	13
CAPITULO II – LA PESTE, DE ALBERT CAMUS	16
2.1 O absurdo, em <i>La Peste</i>	19
2.2 O herói absurdo.....	25
2.3 A revolta, em <i>La Peste</i>	26
2.4. Os empestados.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

O referente trabalho pretende fomentar uma discussão acerca da noção de *absurdo* e *revolta* em *La Peste*, romance escrito pelo autor franco-argelino Albert Camus. Concebido ao longo de dez anos, o romance foi publicado apenas em 1947, e em menos de uma semana de lançado, contemplaram-no com o prêmio literário *Le Prix des Critiques*.

La Peste conta a história fictícia de uma cidade chamada Oran, palco da manifestação de uma terrível doença epidêmica, a peste bubônica. O enredo se desenrola sob a perspectiva dos personagens em relação à epidemia. Numa mistura de medo, angústia e solidão, a obra levanta questões relacionadas à condição humana que, nesse contexto, diz respeito ao modo como o ser humano tende a lidar com situações de separação, exílio e morte. O ponto de vista e as ações dos personagens estimulam o leitor a refletir sobre os efeitos que o flagelo pode causar a sociedades acostumadas às banalidades da vida corriqueira.

O romance faz parte de um conjunto de obras do autor Albert Camus, publicado entre o período de 1942 a 1951, e compreendido, teórico e estruturalmente, como dois “ciclos literários”. Segundo Silva (2008), o próprio Camus faz uma divisão de sua obra; trata-se da distribuição dos seus escritos principais em dois ciclos. Cada “ciclo” comporta três gêneros literários: romance, teatro e ensaio. O primeiro ciclo é referente à noção de absurdo, e caracteriza-se pela obra romanesca *L'Étranger* (1942); as dramáticas *Calígula* e *Le Malentendu* (1944); e a ensaística *Le Mythe de Sisyphe* (1942). O segundo ciclo, tido como o da revolta, configura-se pela obra romanesca *La Peste* (1947), assim como as dramáticas *L'État de Siège* (1948) e *Les Justes* (1949), e a ensaística *L'Homme Révolté* (1951).

La Peste foi criada para agregar ao conjunto de obras que expressam o conceito de *revolta* – teoricamente desenvolvido no ensaio *L'Homme Révolté*. Contudo, no primeiro contato com o romance, observamos que o mesmo também trazia, em sua estrutura narrativa, aspectos referentes à noção de *absurdo*. Essas suposições se fortaleceram a partir da leitura que fizemos do ensaio filosófico *Le Mythe de Sisyphe*, onde Albert Camus desenvolve o conceito de absurdo partindo da premissa de que o *absurdo* não é uma conclusão, mas um ponto de partida. Essa constatação motivou a realização desse trabalho, juntamente com o interesse pessoal em relação aos temas desenvolvidos pelo autor. Acreditamos que a nossa investigação contribui para ampliação dos estudos acadêmicos direcionados à análise das obras de Albert Camus, visto que, em sua grande maioria, os estudiosos da área tomam por objeto de análise *L'Étranger*, obra que teve mais repercussão na carreira do autor.

Temos como hipótese de trabalho que o romance *La Peste* permite uma leitura capaz de situá-la como obra que transita entre o *absurdo* e a *revolta*. Partindo dessa suposição, nós nos propusemos a analisar criticamente a narrativa do romance, com o objetivo de elucidar e discutir os elementos que corroboram o problema de pesquisa. A nossa análise fundamenta-se nos trabalhos de Vicente Barreto, José Jackson Carneiro de Carvalho, André Maurois, entre outros que também contribuem para a base dessa investigação.

Este trabalho de conclusão de curso será organizado em duas partes. Na primeira, faremos um apanhado da vida e obra do autor, percurso necessário à compreensão das influências que determinaram sua postura como cidadão e escritor. Introduziremos a segunda parte apresentando o tema e enredo da obra. Abordaremos aí a noção de *absurdo* e *revolta* em *La Peste*, expondo e discutindo os elementos referentes a cada conceito.

Vale salientar, de antemão, que as traduções das obras originais de Albert Camus, *La Peste* e *L'Homme Révolté*, utilizadas ao longo deste trabalho são da autoria de Valerie Rumjanek. A tradução do ensaio *Le Mythe de Sisyphe*, fica a cargo de Mauro Gama.

CAPÍTULO I - CAMUS: VIDA E OBRA

1.1 Albert Camus

Albert Camus nasceu em 7 de dezembro de 1913 em Mandovi, costa da Argélia. Filho do agricultor Lucien Camus, morto na Batalha do Marne em 1914, e de Catherine Sintè, uma empregada de origem espanhola – que após a morte do marido, muda-se para Belcourt em Argel, e trabalha duramente para sustentar os filhos.

Em Argel, no bairro popular de Belcourt, Camus vive uma infância acentuada pela pobreza – fato que influenciou consideravelmente o seu modo de enxergar a vida –, e desde cedo foi obrigado a ter consciência do mundo em que vivia. Apesar da limitação financeira que enfrentou, “A miséria serviu-lhe como uma escola de descoberta do próprio homem e da necessidade da criação de novos valores que o ajudasse a construir um mundo novo” (BARRETO, 1971, p. 14).

Foi na escola primária que surgiu a primeira oportunidade que viria, posteriormente, a mudar o rumo da vida do jovem Camus. Através de um professor, que muito o estimava, conseguiu uma bolsa de estudos no ginásio de Argel. Nessa época, conhecera Jean Grenier, poeta e ensaísta – influência determinante para a descoberta da sua vocação de escritor. De fato, “Ce que Camus doit à Grenier, il l’a proclamé maintes fois, non seulement dans ses écrits, mais par une amitié qui ne prit fin qu’à sa mort”¹ (LEBESQUE, 1963, p. 19).

Ainda no liceu em Argel, aos 17 anos, Camus foi acometido por uma tuberculose que o impediu de se apresentar à agregação de filosofia, pois a doença não permitia que participasse das atividades de ingresso. Apesar dos problemas que enfrentou, advindos da doença, em 1936 desenvolveu sua tese para diplomação em filosofia, com base nas “[...] relações entre o helenismo e o cristianismo através de Plotino e Santo Agostinho” (BARRETO, 1971, p. 17). Contudo, esses problemas de saúde dificultaram e inviabilizaram a sua atuação na vida acadêmica.

Comprometido com o momento histórico em que vivia, Camus assumira uma posição crítica frente aos acontecimentos da sua época. Como jornalista, definiu o seu engajamento político dirigindo o jornal “*Argel Republicain*”, de tendência anticolonialista. Em meados de

¹ O que Camus deve a Grenier, ele proclamou inúmeras vezes, não só em seus escritos, mas por uma amizade que só acabou com sua morte. (Tradução nossa)

1935 adere ao Partido Comunista e funda o “*Théâtre du travail*”, onde atuou como ator e diretor, montando espetáculos, e levando ao palco uma adaptação do livro de André Malraux, “*Temps du Mépris*”. Após dois anos, seu envolvimento com o partido sofre uma ruptura, logo o “*Théâtre de travail*” é substituído por “*Théâtre de l’équipe*.”

Por consequência da Segunda Guerra, o jornal onde trabalhava é fechado pela censura, e Camus, casado pela segunda vez, se viu obrigado a ir para Paris. Na capital francesa, no início de 1940 trabalhou como redator no “*Paris-Soir*”, mas com a ocupação nazista, refugiava-se em Clermont-Ferrand. Posteriormente, acaba por engajar-se no ativismo da resistência, aderindo ao movimento, e começa a trabalhar no jornal clandestino “*Combat*”, instalado em Paris. No *Combat* “Camus atingiu o ápice de sua carreira jornalística, ocorrendo também sua mais efetiva participação política na resistência à ocupação alemã” (CARVALHO, 2010, p. 58). Participou ativamente do movimento entre 1944 e 1947, sendo a “voz” da resistência que denunciava as atrocidades derivadas dos acontecimentos políticos da época.

Entre 1937 e 1957, paralelamente às diversas atividades de engajamento, Camus desenvolve suas habilidades como dramaturgo e escritor. Produzira peças teatrais, ensaios, e obras romanescas. Em 1957, recebe o Prêmio Nobel de Literatura, e durante os próximos anos se envolve com a produção do seu romance inacabado “*Le Premier Homme*”. No dia 4 de janeiro de 1960, Camus morre vítima de um acidente automobilístico.

1.2 A Obra Camusiana

Os primeiros escritos de Camus trazem, em sua essência, temas que refletem uma realidade baseada num mundo concreto, distante dos “princípios abstratos”. Essa tendência está estritamente ligada a “[...] uma preocupação do autor em descrever aquilo que está sendo experimentado” (BARRETO, 1971, p. 27). Camus parte da sua identificação com um mundo em que o humano está ligado corporalmente à natureza, e “Amar a natureza é reconhecê-la, antes de tudo, enquanto limite e possibilidade da vida humana.” (ALVES, 1998, p.32). Segundo Carvalho (2010), a valorização atribuída à natureza, revela-se uma valorização dos sentidos do corpo, da sensualidade e do gozo dos elementos naturais expressos através de símbolos presentes em sua obra: mar, sol, terra, luz, etc. Além desses símbolos naturais, encontra-se também uma “moralidade” herdada pelos hábitos e costumes dos países do norte da África.

A cultura europeia, profundamente impregnada pelas ideias de pecado transmitidas pela Igreja Medieval, não tivera qualquer influência na civilização norte africana.

Existe ainda em estado natural a tradição helênica em que a noção do pecado sexual e as limitações à sensibilidade humana não são encontradas. A moralidade é pré-cristã e por isso alguns críticos apressam-se em descobrir no escritor uma tendência neo-pagã, quando na verdade o que lemos em suas obras é o reflexo da moralidade corrente nesses países. (BARRETO, 1971, p. 29)

Essa herança mediterrânea faz com que Camus se distancie das concepções cristãs e, inevitavelmente, crie uma ligação “espiritual” pertencente às tradições pagãs. Outro fator influenciador tem a ver com a sua admiração pela Grécia e o “ceticismo helênico”. Segundo Barreto (1971, p.29) “O ceticismo helênico e a atitude geral do grego diante do mundo e da vida aparecem para Camus como a melhor e mais promissora esperança para a cultura ocidental”.

Os dois primeiros livros de Camus, *L'Envers et l'endroit* (1937) e *Noces* (1939), compostos por ensaios líricos, refletem essa “tradição intelectual”. Ambos os livros revelam o distanciamento do abstrato, e a imersão no mundo concreto, através da experiência física.

[...] A sua vida intelectual nasce de suas primeiras experiências, sentindo-se em algumas de suas obras, principalmente nas primeiras, a necessidade de escrever aquilo que realmente estava sendo vivido e pensado. Todas as categorias intelectuais progressivamente definidas por Camus, sendo as duas mais importantes o absurdo e a revolta, foram elaborados em consequência das experiências que ia acumulando. Dele não se pode dizer que foi um escritor com um universo independente e próprio. Tendo uma alta capacidade criadora ele escreveu uma obra imersa no real e no concreto. (BARRETO, 1971, p. 13-14).

Nas primeiras reflexões, Camus já levanta questões a respeito da condição humana – que irão se desenvolver e se mostrar com mais clareza nas obras posteriores. No “[...] contato com o mundo, no qual o mar e o sol representam simbolicamente a vida, o autor, descobre, também, o absurdo da existência” (CARVALHO, 2010, p. 78). Na busca pela felicidade o homem se frustra por causa das suas próprias fraquezas, e a morte é o grande obstáculo nessa jornada. Os germes do *absurdo* já se encontram nos primeiros escritos, e é através deles que Camus constata a absurdidade da vida.

O conjunto da obra de Camus, publicado no período entre 1942 e 1951 compreende-se como dois “ciclos” literários: “Dividindo seus escritos principais em dois ciclos, do absurdo e da revolta, Camus desenvolveu uma obra projetada para muitos anos e figurada sob várias formas. Ele se exprimiu em três grandes gêneros” (SILVA, 2008, p. 16). Segundo Silva (2008), cada “ciclo” é composto por três gêneros literários: o romance, o teatro e o ensaio. O primeiro é o ciclo do absurdo, e caracteriza-se pela obra romanesca *L'Étranger* (1942), a dramática *Calígula* e *Le Malentendu* (1944), e o ensaio filosófico *Le Mythe de Sisyphe* (1942). O segundo, tido como o ciclo da revolta, configura-se pela obra romanesca *La peste*

(1947), assim como as dramáticas *L'État de Siège* (1948) e *Les Justes* (1949), e o ensaio filosófico *L'Homme Révolté* (1951). Para Carvalho (2010, p. 43), esses gêneros “[...] constituem um todo do qual são partes estreitamente inter-relacionadas”, e “[...] uma mesma visão do mundo e do homem dentro do mundo está presente em cada romance, em cada ensaio e em cada peça de teatro”.

Após os ciclos do absurdo e da revolta, Camus publica em 1954 o livro *L'Été*, composto por “ensaios líricos” – que se compreende como uma renovação dos ensaios de *Noces*. Dois anos após, publica *La chute*, um monólogo romanceado que aguça a consciência e a sensibilidade do leitor, conduzindo-o a uma reflexão pessoal e de ordem moral. Podemos perceber, até então, que o autor tem como peculiaridade, transitar pelos gêneros literários, anteriormente mencionados, mesmo que essas obras não pertençam aos dois “ciclos”.

Em 1957 lança *L'Éxil et le Royaume*, uma coletânea de novelas sob o tema da solidão e do exílio. Esses temas foram também explorados, anteriormente, no romance *La Peste* – obra escolhida aqui para análise.

Preliminarmente, é preciso destacar que, para Camus, o conteúdo evidente de *A peste* representa, de forma simbólica e mítica, a luta da resistência europeia contra o nazismo. De modo geral, entretanto, pode-se afirmar que a obra, no seu conjunto, não expressa uma atitude de ‘engajamento’. (CARVALHO, 2010, p. 89, grifo do autor).

Não podemos negar a semelhança, simbólica, em relação aos fatos ocorridos na época da segunda guerra, pois esse marco da história influenciou não só a literatura de Camus, mas a de outros autores que compartilharam da mesma angústia e do mesmo cenário de horror. Contudo, é o pertencimento da obra ao “ciclo” da revolta que impulsionará a investigação que nos propusemos a fazer.

CAPITULO II - LA PESTE, DE ALBERT CAMUS

O romance *La Peste* (*A Peste*, em português) foi fruto de uma longa gestação, sendo iniciado em meados de 1938, e publicado apenas em 1947. Depois de lançado, ganhou rapidamente a aceitação do público.

No início da década de 40, Albert Camus participou ativamente da resistência contra o nazismo, dirigindo o jornal da resistência, *Combat*. O seu engajamento político e seu posicionamento perante a história explicam o porquê de a obra ser compreendida como análoga aos acontecimentos da II Guerra Mundial. Como afirma Barreto (1971, p. 10), a geração nascida depois de 1900 foi testemunha de alguns acontecimentos capitais na história, desde a I Guerra aos “[...] massacres e destruição de populações inteiras na II Guerra Mundial, culminando as suas experiências históricas com a destruição de Hiroshima e Nagasaki. Todos esses acontecimentos viriam a alterar fundamentalmente a vida e obra de toda uma geração”. Em contrapartida, Maurois (1965, p. 358) afirma “que em posse de um grande assunto, [Camus] aproveitou para colocar nele a guerra”². No entanto, cremos que *La Peste* pode suscitar inúmeras interpretações, devido ao rico conteúdo que carrega.

Por que a escolha da peste? Porque é a única doença epidêmica que provoca consequências dolorosas sobre uma cidade inteira. A única que atinge todos os domínios da sociedade e desorganiza toda a sua vida; a única que coloca os cadáveres na rua. A peste, juntamente com a guerra e a fome [...] expõe igualmente o lado desumano da existência. (CARVALHO, 2010, p. 93).

O tema do romance, por si só, carrega seu aspecto trágico. Não é à toa que *La Peste* é construída em cinco atos, assim como uma *tragédia*.³ Para Carvalho (2010), a calamidade das epidemias não foi objeto de interesse apenas para os historiadores, pois tanto poetas quanto romancistas consagraram narrativas e textos a seu respeito, a exemplo dos casos de Sófocles, em *Édipo Rei*, da *Guerra do Peloponeso*, de Tucídides; do *Decameron*, de Boccaggio, que narra a chegada da peste negra em Florença, no ano de 1348. No mais, a peste servirá à obra

² Ainda assim, fica a cargo do leitor tirar suas próprias conclusões a respeito da obra ser ou não ser uma analogia da ocupação nazista, visto que esse fator não estará explícito na obra.

³ O romance é dividido em cinco capítulos. Essa estrutura remete à “Tragédia clássica” que é composta em cinco atos. Segundo Moisés (2004), teóricos e dramaturgos do século XVI e XVII seguiam essa estrutura, influenciados pelos ensinamentos do poeta lírico Horácio. No primeiro ato preparava-se a intriga, no segundo fazia nascer as dificuldades, no terceiro e quarto as reforçavam, e no quinto se desfazia. No primeiro capítulo de *La Peste*, Camus faz conhecer o cenário, personagens; os ratos começam a surgir, e em menos de 24h as mortes se alastram. No segundo capítulo, as pessoas começam a morrer por causa da doença. No terceiro e quarto capítulo, estabelece-se o exílio e as mortes intensificam. No quinto ato, a epidemia cessa até desaparecer completamente.

de Camus como metáfora para análise da condição humana; de como o espírito humano tende a lidar com situações de desespero, separação, exílio e morte – não se referenciará, de forma alguma, a um acontecimento real, embora a história ocorra em Oran, cidade não fictícia. Essa cidade, localizada no litoral mediterrâneo da Argélia, será palco da manifestação dessa terrível doença epidêmica – a peste bubônica –, e ela trará consequências devastadoras para os cidadãos de Oran.

Au lieu de laisser le roman se dérouler au fur et à mesure, avec une sorte de liberté qui lui serait propre, l'auteur tient d'une main ferme les fils de l'intrigue et le mêle en un tissu serré. Ainsi le début est-il conçu, à la manière classique, comme une exposition, destinée à nous faire connaître le moment, le lieu, les personnages.⁴ (BRUÉZIÈRE, 1972, p. 46).

O autor inicia o romance expondo a década e o local onde ocorreu o surto da epidemia: “Les curieux événements qui font le sujet de cette chronique se sont produits en 194., à Oran.”⁵ (CAMUS, 1947, p. 5). Além dessa informação, saberemos de antemão que o romance, na verdade, se tratará de uma crônica. O narrador da crônica desempenhará também o papel de testemunha, dessa forma os acontecimentos são relatados, primeiramente, a partir da sua ótica. Segundo Carvalho (2010) não há uma sucessão cronológica que expresse exatamente como as sequências se ligam umas às outras, pois os acontecimentos não são relatados conforme uma ordem cronológica, mas de acordo com o seu aparecimento na narrativa. Por essa razão, a narrativa não se concentrará, de maneira continuada, sobre o mesmo personagem.

A história é narrada na terceira pessoa, e o narrador – que é o Dr. Rieux – se identificará apenas no momento oportuno. Os principais personagens são apresentados no primeiro ato, mas não saberemos qual deles é o nosso narrador/testemunha. Além do relato do Dr. Rieux, os cadernos de anotações de Jean Tarrou – um estrangeiro que, ao observar a cidade, anotara tudo o que lhe chamara atenção, das situações mais corriqueiras aos acontecimentos mais sórdidos, provenientes do surto da epidemia – servirão de apoio à narrativa. “Ses canerts, en tout cas, constituent eux aussi une sorte de chronique de cette période difficile.”⁶ (CAMUS, 1947, 22).

⁴ Em vez de deixar o romance se desdobrar à medida que avança, com uma espécie de liberdade própria, o autor segura com a mão firme os fios da trama e mistura-a num pano apertado. Assim, o começo é concebido, de maneira clássica, como uma exposição, destinada a nos fazer conhecer o momento, o lugar, os personagens. (Tradução nossa).

⁵ “Os curiosos acontecimentos que são o objeto desta crônica ocorreram em 194... em Oran.” (Idem, 2013, p. 9).

⁶ “Seus apontamentos de certa forma constituem, também, uma espécie de crônica deste período difícil.” (Idem, 2013, p. 27).

Assim, enquanto a estrutura global do texto remete à tragédia, a sucessão dos capítulos e a variedade de seus encadeamentos descrevem o movimento da vida, na sua desordem e no seu combate contra a doença, à morte e o mal. Tudo configura uma situação na qual o homem enfrenta a tragédia do absurdo, na sua forma mais violenta: a morte. Não era qualquer morte, mas a morte de uma cidade inteira. (CARVALHO, 2010, p. 95).

Pudemos observar que, antes da epidemia, os cidadãos de Oran viviam de forma banal, criando hábitos com os quais estabeleciam o seu cotidiano de trabalho e lazer. “O importante para suportarmos sem dificuldade o passar dos dias é ter hábitos e os habitantes de Oran têm uma vida tranquila e metódica. Eles se preocupam em trabalhar para enriquecer e fazer negócios.” (BARRETO, 1971, p. 156). Mas o estilo de vida desses habitantes é abalado pelo aparecimento de roedores, em quantidade exacerbada, infectados pela peste, proliferando a doença aos quatro cantos da cidade. “Il y a eu dans le monde autant de pestes que de guerres. Et pourtant pestes et guerres trouvent les gens toujours aussi dépourvus.”⁷ (CAMUS, 1947, p. 32).

Quando os primeiros sintomas da peste aparecem, levando pessoas a óbito em menos de 48h após contraírem a doença, o governo reconhece-a oficialmente, fechando a cidade e privando-a de qualquer contato externo. Com o fechamento da cidade, conseqüentemente, cairá sobre a população de Oran o sentimento de exílio, advindo também da separação dos seus entes queridos:

Une des conséquences les plus remarquables de la fermeture des portes fut, en effet, la soudaine séparation où furent placés des êtres qui n’y étaient pas préparés. Des mères et des enfants, des époux, des amants, qui avaient cru procéder quelques jours auparavant à une séparation temporaire, qui s’étaient embrassés sur le quai de notre gare avec deux ou trois recommandations, certains de se revoir quelques jours quelques semaines plus tard, enfoncés dans la stupide confiance humaine, à peine distraits par ce départ de leurs préoccupations habituelles, se virent d’un seul coup éloignés sans recours, empêchés de se rejoindre ou de communiquer.⁸ (Id., *ibid.*, p. 54).

Atitudes começaram a ser tomadas, no interior da cidade, para sanar a epidemia, mas nem todos os moradores conseguiram enxergar, de imediato, o quão a ação coletiva se faria importante e necessária para essa jornada. Coube, então, a alguns dos personagens – principalmente Dr. Riex, Tarrou, Grand e Rambert – se posicionarem frente ao caos

⁷ Houve no mundo tantas pestes quanto guerras. E contudo, as pestes, como as guerras, encontram sempre as pessoas igualmente desprevenidas. (Idem, 2013, p.38)

⁸ Uma das conseqüências mais importantes do fechamento das portas foi a súbita separação em que foram colocados seres que para isso não estavam preparados. Mãe e filhos, esposos, amantes, que tinham julgado proceder, alguns dias antes, a uma separação temporária, que se tinham beijado na plataforma da nossa estação, com duas ou três recomendações, certos de se reverem dentro de alguns dias ou algumas semanas, mergulhados na estúpida confiança humana, momentaneamente distraídos de suas ocupações habituais por esta partida, viram-se, de repente, irremediavelmente afastados, impedidos de se encontrarem ou de se comunicarem. (Idem, 2013, p.63)

estabelecido, e tomarem as rédeas dessa empreitada, para tentar amenizar o sofrimento dos atingidos pela doença, e evitar que a morte chegue a todos. Ao longo da obra, esses personagens ‘engajados’, tomarão consciência do mal que os cerca, e lutarão veementemente para combater a peste, mesmo que não consigam de fato, o importante para eles é lutar apesar dos resultados.

Os romances de Camus desenvolvem-se no plano objetivo e no plano moral. No primeiro a experiência humana é descrita objetivamente, os personagens são estudados e as situações em que se encontram delineadas. Moralmente as experiências de cada personagem servem de matéria para o escritor tirar conclusões de valor universal. (BARRETO, 1971, p.143).

Através da investigação dos elementos que compõem *La peste*, como gênero, tema e enredo, juntamente com as leituras que fizemos no decorrer da pesquisa, principalmente em se tratando das obras *Le Mythe de Sisyphe* (1942) e *L’Homme révolté* (1951) de Albert Camus, acabamos por considerar que *La Peste* transita entre os dois conceitos – o absurdo e a revolta – que abarcam as principais obras do autor. A partir dessa reflexão, discutiremos os elementos encontrados, à luz do que se entende por *absurdo* e *revolta*, a fim de tentar compreendê-los e situá-los na obra aqui analisada.

2.1 O absurdo, em *La Peste*

Ao descrever *La Peste* como sendo uma crônica, conseqüentemente, o autor adapta o romance aos aspectos da vida cotidiana. Dessa forma, compreende-se que Camus opta pela crônica narrativa, a fim de descrever a vida absurda dos cidadãos de Oran. Com efeito, o flagelo que recai sobre a vida dos personagens, através da peste bubônica, é peça fundamental à investigação do sentido de absurdo presente na obra.

O sentimento do absurdo é vivenciado pelo espírito humano à medida que ele questiona o sentido da sua existência. Ao refletir sobre a sua condição, o homem constata a ausência de sentido da vida e, nesse movimento, tem-se uma tomada de consciência. “O sentimento do absurdo reveste a condição humana com uma nova visão. A partir de então, o homem percebe a artificialidade das coisas que o rodeiam, à medida que o homem encontra consigo mesmo vê que nem tudo é harmônico.” (PIMENTA, 2010, p. 21). O absurdo surge, então, desse sentimento de “estrangeiridade” do homem em relação ao mundo, e do confronto que se estabelece entre os dois: “[...] Mais ce qui est absurde, c'est la confrontation de cet irrationnel et de ce désir éperdu de clarté dont l'appel résonne au plus profond de l'homme.

L'absurde dépend autant de l'homme que du monde.”⁹ (CAMUS, 1942, p. 37). Para Camus, o absurdo é um divórcio entre o homem e o mundo.

Lever, tramway, quatre heures de bureau ou d'usine, repas, tramway, quatre heures de travail, repas, sommeil et lundi mardi mercredi jeudi vendredi et samedi sur le même rythme, cette route se suit aisément la plupart du temps. Un jour seulement, le « pourquoi » s'élève et tout commence dans cette lassitude teintée d'étonnement. « Commence », ceci est important. La lassitude est à la fin des actes d'une vie machinale, mais elle inaugure en même temps le mouvement de la conscience. Elle l'éveille et elle provoque la suite. La suite, c'est le retour inconscient dans la chaîne, ou c'est l'éveil définitif.¹⁰ (Id., *ibid.*, p. 27)

“Quando um homem qualquer é acometido pelo sentimento de absurdo, quando o ‘por que’ se levanta, o mundo e as relações humanas perdem as atribuições, os sentidos que lhe oferecíamos previamente.” (MACHADO, 2010, p.22). Eventualmente, o humano pode vir a descobrir o absurdo na vida cotidiana, e é nesse momento que ele se sente estranho em relação ao mundo, mas será através da “tomada de consciência” que o homem se posicionará perante essa experiência.

O homem está acostumado a viver e continuar vivendo, raras vezes questiona seu cotidiano. A cada dia, o homem é absorvido por suas obrigações pessoais, familiares ou profissionais, prisioneiros de suas paixões, de suas ocupações e de seus hábitos, não se atendo a questões fundamentais da condição humana. (PIMENTA, 2010, p. 18).

Em *La Peste*, a peste bubônica representará o absurdo em forma do mal. Como afirma Barreto (1971), Camus se preocupava em criar personagens que vivenciassem a experiência absurda, e a presença do mal se configura como a mais evidente manifestação do absurdo.

A absurdidade nasce da ruptura do torpor cotidiano. Como o bacilo da peste, que se mantém adormecido ao longo de anos, em pequenas ranhuras e frestas no interior das casas, na intimidade dos objetos pessoais, podendo a qualquer instante despertar uma sociedade para o choque com o mal, o absurdo invade as entranhas da vida; enquanto as pessoas preferem não observá-lo, esforçam-se em mantê-los às escuras, até que não possam mais evitá-lo. (LAMEIRINHA, 2006, p. 38).

Do primeiro ao segundo ato da obra, o mal se estabelece na cidade de Oran, e apesar do flagelo e do exílio que a peste submete aos cidadãos, eles não conseguem, de imediato, tomar consciência do destino que lhes foi traçado. Continuam a circular pela cidade, e a

⁹ “Mas o que é o absurdo é o confronto entre esse irracional e esse desejo apaixonado de clareza cujo apelo ressoa no mais profundo do homem. O absurdo depende tanto do homem quanto do mundo.” (Idem, 1989, p. 40).

¹⁰ “Levantar-se, bonde, quatro horas de escritório ou fábrica, refeição, bonde, quatro horas de trabalho, refeição, sono, e segunda, terça, quarta, quinta, sexta e sábado no mesmo ritmo, essa estrada se sucede facilmente a maior parte do tempo. Só que um dia o “porquê” desponta e tudo começa com esse cansaço tingido de espanto. “Começa”, isso é importante. O cansaço está no final dos atos de uma vida mecânica, mas inaugura ao mesmo tempo o movimento da consciência. Ele a desperta e provoca a continuação. A continuação é o retorno inconsciente à mesma trama ou o despertar definitivo.” (Idem, 1989, p. 32).

manter hábitos com os quais estão acostumados. Essa atitude reflete a falta de lucidez do homem cotidiano frente ao absurdo da sua condição.

Malgré ces spectacles inaccoutumés, nos concitoyens avaient apparemment du mal à comprendre ce qui leur arrivait. Il y avait les sentiments communs comme la séparation ou la peur, mais on continuait aussi de mettre au premier plan les préoccupations personnelles [...] La plupart étaient surtout sensibles à ce qui dérangeait leurs habitudes ou atteignait leurs intérêts.¹¹ (CAMUS, 1947, p. 63).

A falta de lucidez impede que o homem cotidiano tenha uma atitude diante de algumas experiências existenciais e, conseqüentemente, falseia a sua condição. O homem que não tem consciência do absurdo, por consequência, tende a projetar o futuro, e se agarrar à esperança da vida eterna. Para Camus (1942) não há absurdo fora do espírito humano, e assim como todas as outras coisas, o absurdo só termina com a morte, mas ele também não pode existir fora desse mundo.

De todos os homens que habitam Oran, o Dr. Rieux é aquele que sempre soube que não poderia fugir, em hipótese alguma, do presente; dessa nova realidade que se colocou perante eles. “L'homme absurde est celui qui ne se sépare pas du temps.”¹² (CAMUS, 1942, p.100). E, como homem lúcido que é, sempre procurou, pelas vias terrenas, amenizar o flagelo dos empestados.

Il y a Dieu ou le temps, cette croix ou cette épée. Ce monde a un sens plus haut qui surpasse ses agitations ou rien n'est vrai que ces agitations. Il faut vivre avec le temps et mourir avec lui ou s'y soustraire pour une plus grande vie. Je sais qu'on peut transiger et qu'on peut vivre dans le siècle et croire à l'éternel. Cela s'appelle accepter. Mais je répugne à ce terme et je veux tout ou rien. Si je choisis l'action, ne croyez pas que la contemplation me soit comme une terre inconnue. Mais elle ne peut tout me donner, et privé de l'éternel, je veux m'allier au temps.¹³ (Id., *ibid.*, p. 117).

Segundo Carvalho (2010, p. 107) “Exercer a profissão significa para Rieux, antes de tudo, o exercício da medicina, isto é, salvar os corpos e curar”. Seu interesse não está voltado para a salvação do homem, mas para a saúde do corpo. Essa motivação o faz cumprir seu dever através do que acredita estar ao seu alcance, através das coisas terrenas.

¹¹ “Apesar desses espetáculos inéditos, parece que os nossos concidadãos tinham dificuldade em compreender o que lhes acontecia. Havia os sentimentos comuns, como a separação ou o medo, mas continuavam a colocar em primeiro plano as preocupações pessoais [...] A maior parte era sobretudo sensível ao que perturbava os seus hábitos ou atingia os seus interesses.” (Idem, 2013, p. 72).

¹² “O homem absurdo é o que não se separa do tempo.” (Idem, 1989, p. 92).

¹³ “Há Deus ou o tempo, essa cruz ou essa espada. Esse mundo tem sentido mais alto, que ultrapassa as suas agitações, ou não há nada verdadeiro a não ser agitações. É necessário viver com o tempo e morrer com ele ou se subtrair a ele por uma vida maior. Sei que se pode transigir e que se pode viver no século acreditando no eterno. Isso se chama aceitar. Mas essa palavra me repugna, e eu quero tudo ou nada. Se escolho a ação, não pense que a contemplação me seja como uma terra desconhecida. Mas ela não pode me dar tudo e, privado do eterno, quero me aliar ao tempo. (Idem, 1989, p. 106).

Em contrapartida, o Padre Paneloux, ao proferir seu primeiro sermão – no segundo ato da obra – associa o absurdo da peste à punição divina. Acusa a população “ao insinuar que o comportamento pouco cristão dos moradores de Oran, mais interessados em desfrutar a natureza e os prazeres mundanos do que enfrentar a igreja, servisse de motivação para a cidade padecer sob o mal.” (LAMEIRINHA, 2006, p. 34). Ao mesmo tempo em que acusa, também incita a esperança na vida futura – mesmo que seja através do sofrimento – ao proferir as seguintes palavras:

Je veux vous faire venir à la vérité et vous apprendre à vous réjouir, malgré tout ce que j'ai dit. [...] Aujourd'hui la vérité est un ordre. Et le chemin du salut, c'est un épéu rouge qui vous le montre et vous y pousse. C'est ici, mes frères, que se manifeste enfin la miséricorde divine qui a mis en toute chose le bien et le mal, la colère et la pitié, la peste et le salut. Ce fléau même qui vous meurtrit, il vous élève et vous montre la voie.¹⁴ (CAMUS, 1947, p. 79).

Paneloux acredita em um Deus vingativo, mas ao mesmo tempo solidário para com aqueles que reconhecem as suas falhas. Acredita que as moléstias do mundo servem de reflexão ao espírito humano, e que para obter a vida eterna faz-se necessário passar por essas provações divinas. Dessa forma, o padre foge ao absurdo, visto que o mesmo é consciência e recusa da morte. Pois, resignar-se ao flagelo da peste – para alcançar a vida eterna – é o mesmo que consentir a própria morte. “Como o absurdo mais evidente, a morte exige [...] uma recusa que nada tem de abandono ou de fuga. [...] o homem deveria manter essa evidência como um limite sempre presente, pois dali ele poderia retirar suas forças.” (OLIVEIRA, 1988, p. 14). Para Camus, a fuga não é a atitude ideal a ser tomada, pois “Vivre, c'est faire vivre l'absurde. Le faire vivre, c'est avant tout le regarder.”¹⁵ (CAMUS, 1942, p. 76).

Entre o desejo de clareza do homem e o silêncio do mundo, a morte é a única certeza do espírito humano. “Uma vez nascido, o ser humano começa a morrer. Por esse caráter irrevogável estabelece-se a incomunicabilidade entre o homem e Deus, assim como a gênese do absurdo da condição humana” (LAMEIRINHA, 2006, p. 34). Se acreditar em Deus é consentir a morte, o Dr. Rieux compreende que: “[...] puisque l'ordre du monde est réglé par

¹⁴ “Quero fazer-vos chegar à verdade e ensinar-vos a vos regozijar, apesar de tudo o que vos disse. [...] Hoje, a verdade é uma ordem. E o caminho da salvação é uma lança vermelha que vos aponta e vos conduz. É aqui, meus irmãos, que se manifesta, enfim, a misericórdia divina, que colocou em todas as coisas o bem e o mal, a cólera e a piedade, a peste e a salvação. Este mesmo flagelo que vos aflige, vos eleva e vos mostra o caminho.” (Idem, 2013, p. 88-89).

¹⁵ “Viver é fazer viver o absurdo. Fazê-lo viver é, antes de tudo, encará-lo.” (Idem, 1989, p. 70-71).

la mort, peut-être vaut-il mieux pour Dieu qu'on ne croie pas en lui et qu'on lutte de toutes ses forces contre la mort, sans lever les yeux vers ce ciel où il se tait.”¹⁶ (CAMUS, 1947, p. 103).

O conflito entre os personagens Rieux e Paneloux é importante à análise do quadro das atitudes humanas perante a absurdidade do mal; do homem lúcido *versus* o homem iludido pela esperança. Principalmente em relação ao absurdo maior que é a morte. Esse conflito se faz mais evidente no quarto ato, quando os dois personagens estão diante da morte de uma criança – o filho do juiz –, que ao contrair a doença acaba por ser uma vítima, injusta, da peste. Podemos observar o conflito, através do diálogo que se trava entre os dois:

– Ah! celui-là, au moin, était innocent, vous le savez bien! [...] – Pourquoi m’avoir parlé avec cette colère? [...] Pour moi aussi, ce spectacle était insupportable. Rieux se retourna vers Paneloux: [...] – la fatigue est une folie. Et il y a des heures dans cette ville où je ne sens plus que ma révolte. – Je comprends, murmura Paneloux. Cela est révoltant parce que cela passe notre mesure. Mais peut-être devons-nous aimer ce que nous ne pouvons pas comprendre. [...] – Non, mon père, dit-il. Je me fais une autre idée de l’amour. Et je refuserai jusqu’à la mort d’aimer cette création où des enfants sont torturés. [...] Paneloux s’assit près de Rieux. Il avait l’air ému. – Oui, dit-il, oui, vous aussi vous travaillez pour le salut de l’homme. Rieux essayait de sourire. – Le Salut de l’homme est un trop grand mot pour moi. Je ne vais pas si loin. C’est sa santé qui m’intéresse, sa santé d’abord.”¹⁷ (CAMUS, 1947, p. 174-175).

Para Rieux, a morte de uma criatura inocente e pura, é no mínimo inconcebível. O próprio “Camus considerava a fé cristã como uma omissão em virtude da submissão da razão à injustiça, a mais escandalosa, como a morte de uma criança pela peste” (BARRETO, 1971, p. 160). Apesar da morte da criança também ter afetado o Padre Paneloux, e mesmo com a fé abalada, ele ainda se entrega à resignação divina.

Se a ordem do mundo é comandada pela morte e se essa ordem é injusta, é preciso lutar contra ela, mesmo que essa luta implique também uma luta contra a ideia de Deus. Se tudo ocorre por conta da necessidade de realização de um plano inexorável de Deus, tudo se torna um absurdo quando se constata na realidade da vida concreta, que esse plano é perverso e cruel. (CARVALHO, 2010, p. 108).

¹⁶ “[...] já que a ordem do mundo é regulada pela morte, talvez convenha a Deus que não acreditemos nele e que lutemos com todas as nossas forças contra a morte, sem erguer os olhos para o céu, onde se cala.” (Idem, 2013, p. 115).

¹⁷ “– Ah! Aquele, pelo menos, era inocente, como o senhor bem sabe! [...] Por que me falou com tanta raiva? [...] – Também para mim o espetáculo é insuportável. Rieux voltou-se para Paneloux: [...] o cansaço é uma loucura. E há horas, nesta cidade, em que nada sinto senão a minha revolta. – Eu compreendo – murmurou o Paneloux – Isso é revoltante, pois ultrapassa a nossa compreensão. Mas talvez devamos amar o que não conseguimos compreender. [...] – Não, padre – disse ele – Tenho outra ideia do amor. E vou recusar, até a morte, amar esta criação em que as crianças são torturadas. [...] Paneloux sentou-se junto de Rieux. Parecia comovido. – sim – disse ele –, é verdade, também o senhor trabalha para a salvação do homem. Rieux tentou sorrir. – A salvação do homem é, para mim, uma palavra demasiado grande. Não vou tão longe. É a sua saúde que me interessa, a saúde em primeiro lugar.” (Idem, 2013, p. 191-192).

No quinto e último ato da obra, após um período de, aproximadamente, dez meses, a epidemia retrocede drasticamente, e o soro preparado pelo Dr. Castel que, no início, não surtira efeito, agora começa a reagir positivamente. No entanto, acredita-se que a peste tenha partido da mesma forma que viera, “On avait seulement l’impression que la maladie s’était épuisée elle-même ou peut-être qu’elle se retirait après avoir atteint tous ses objectifs. En quelque sorte, son rôle était fini.”¹⁸ (CAMUS, 1947, p. 216). Após a comissão médica e a prefeitura anunciarem que a epidemia havia cessado, os cidadãos de Oran puderam, ao menos, sentir um pouco de alegria, depois de tanto tempo expostos ao flagelo. No entanto, em meio ao sentimento de recomeço, e a poucos dias da abertura das portas da cidade, Jean Tarrou – personagem engajado – contrai a doença e morre rapidamente. Conforme Carvalho (2010), a morte desse personagem representa um aspecto da face do absurdo no mundo, uma vez que ele morre após o bacilo da peste ter desaparecido, como se o mal não tivesse fim. “L’asburde et le surcroît de vie qu’il comporte *ne dépendent donc pas de la volonté de l’homme* mais de son contraire qui est la mort.”¹⁹ (CAMUS, 1942, p. 87-88, grifo do autor).

Diante da morte do amigo, em tais circunstâncias, e logo após, a perda da esposa – que morre fora da cidade, devido a outra doença, o Dr. Rieux reconhece que:

[...] le bacille de la peste ne meurt ni ne disparaît jamais, qu’il peut rester pendant des dizaines d’années endormi dans les meubles et le linge, qu’il attend patiemment dans les chambres, les caves, les malles, les mouchoirs et les paperasses, et que, peut-être, le jour viendrait où, pour le malheur et l’enseignement des hommes, la peste réveillerait ses rats et les enverrait mourir dans une cité heureuse.²⁰ (CAMUS, 1947, p. 247).

A peste representa o absurdo materializado, que obriga os personagens de *La Peste* a despertarem de uma vida mecânica, destruindo todos os seus cenários medíocres, e fazendo surgir, dessa experiência, uma consciência humana antes adormecida. Ela traz consigo a morte – única coisa que impede o homem de viver plenamente sua condição. “A morte, por si só, já constitui o absurdo em sua plenitude. Não aceitá-la, engajar-se contra ela, evitá-la tanto quanto possível é a contrapartida assumida, na qual o engajamento não deriva de uma consciência moralizante, mas da clareza de uma necessidade a cumprir.” (LAMEIRINHA, 2006, p. 32-33). Os personagens engajados, a exemplo de Rieux e Tarrou, fizeram o que tinha

¹⁸ “Tinha-se apenas a impressão de que a doença se esgotara por si própria, ou talvez de que se retirava depois de ter alcançado todos os seus objetivos. De qualquer maneira, o seu papel acabara.” (Idem, 2013, p. 236).

¹⁹ “O absurdo e o acréscimo de vida que ele comporta *não depende da vontade do homem*, mas de seu contrário que é a morte” (Idem, 1989, p. 79).

²⁰ “[...] o bacilo da peste não morre nem desaparece nunca, pode ficar dezenas de anos adormecido nos móveis e na roupa, espera pacientemente nos quartos, nos porões, nos baús, nos lenços e na papelada. E sabia, também, que viria talvez o dia em que, para desgraça e ensinamento dos homens, a peste acordaria os seus ratos e os mandaria morrer numa cidade feliz.” (Idem, 2013, p. 269).

de ser feito, vivenciaram a experiência absurda sem recorrer à abstração, e recusaram a morte em defesa à dignidade humana.

2.2 O herói absurdo

Em seu ensaio filosófico, intitulado *Le Mythe de Sisyphe* (1942), Camus traz como exemplificação do absurdo o mito de Sísifo. A atitude desse personagem mitológico frente ao destino que lhe impuseram é a contrapartida exigida, segundo o autor, para enfrentar o absurdo da condição humana.

Les dieux avaient condamné Sisyphe à rouler sans cesse un rocher jusqu'au sommet d'une montagne d'où la pierre retombait par son propre poids. Ils avaient pensé avec quelque raison qu'il n'est pas de punition plus terrible que le travail inutile et sans espoir.²¹ (CAMUS, 1942, p. 161).

Para a mitologia grega, Sísifo é considerado, entre os mortais, o mais astuto e também o que possui menos escrúpulos. Dentre as histórias de astúcia que envolvem esse personagem, a mais intrigante e representativa para a obra de Camus é a condenação imposta pelos deuses, que o transforma em um “[...] travailleur inutile des enfers”.²² (Id., *ibid.*, p. 161). Ao espalhar os segredos dos deuses, Sísifo é punido com a morte, mas logo consegue fugir desse primeiro infortúnio, acorrentando-a. Quando liberta, a morte faz dele a sua primeira vítima. No entanto, antes de morrer, Sísifo ordena à mulher que não sepulte o seu corpo, para, com isso, obter o consentimento de retornar à terra, sob a desculpa de castigar a impiedade da esposa. Contudo, Sísifo não regressa ao seu destino, e vive muitos anos na terra, até ser capturado de vez. Devido à sua leviandade, os deuses atribuíram-lhe, então, uma tarefa sem esperança, sem descanso e sem possibilidade de fuga.

On a compris déjà que Sisyphe est le héros absurde. Il est autant par ses passions que par son tourment. Son mépris des dieux, sa haine de la mort et sa passion pour la vie, lui ont valu ce supplice indicible où tout l'être s'emploie à ne rien achever. C'est le prix qu'il faut payer pour les passions de cette terre.”²³ (Id., *ibid.*, p. 162).

O retorno infinito de Sísifo à planície, após a pedra rolar do cume da montanha, é o que interessa a Camus, porque em cada descida, Sísifo torna-se superior ao seu destino, e mais forte que o seu rochedo.

²¹ “Os deuses tinham condenado Sísifo a rolar um rochedo incessantemente até o cimo de uma montanha, de onde a pedra caía de novo por seu próprio peso. Eles tinham pensado, com as suas razões, que não existe punição mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança.” (Idem, 1989, p. 141)

²² “[...] trabalhador inútil dos infernos” (Idem, 1989, p. 141).

²³ “Ele é tanto por suas paixões deste mundo como por seu tormento. O desprezo pelos deuses, o ódio à Morte e a paixão pela vida lhe valeram esse suplício indescritível em que todo o ser se ocupa em não completar nada. É o preço a pagar pelas paixões deste mundo.” (Idem, 1989, p. 142).

Si ce mythe est tragique, c'est que son héros est conscient. Où serait en effet sa peine, si à chaque pas l'espoir de réussir le soutenait ? L'ouvrier d'aujourd'hui travaille, tous les jours de sa vie, aux mêmes tâches et ce destin n'est pas moins absurde. Mais il n'est tragique qu'aux rares moments où il devient conscient. Sisyphe prolétaire des dieux, impuissant et révolté, connaît toute l'étendue de sa misérable condition : c'est à elle qu'il pense pendant sa descente. La clairvoyance qui devait faire son tourment consomme du même coup sa victoire.²⁴ (CAMUS, 1942, p. 163-164).

Acreditamos que a tradicionalidade de *La Peste* se mantém através da lucidez dos personagens engajados da obra. Consideramos que o personagem do Dr. Rieux ocupa o papel principal do herói absurdo, assim como Sísifo, pois o seu rochedo configura-se a peste bubônica. A epidemia é o “trabalho inútil” de Rieux, pois ela faz com que o médico lute contra o flagelo diariamente, mas apesar das consequências que ela impõe, ele não se deixa vencer. “O herói não é aquele que pratica gestos e ações de gigante. É, simplesmente, aquele que cumpre o seu dever.” (CARVALHO, 2010, p. 101). Rieux enfrenta o absurdo através da sua profissão – ser médico – e essa posição o coloca no centro dos acontecimentos, obrigando-o a enfrentar o mal, sem descanso. Segundo Maurois (1965, p. 370, grifo do autor), “Em *A Peste*, o que interessa Camus são as reações do homem diante do desabamento de tudo o que supusera sólido: as comunicações, as permutas, a saúde. Não há somente um Sísifo, mas uma população de Sísifos que se vê esmagada pela calamidade.”

O que mais interessa a Camus (1942) são as consequências derivadas das descobertas absurdas. Para enfrentar a condição absurda da vida, assim como Sísifo, o homem deve prezar pela sua liberdade, alimentar a revolta e a paixão pela vida. “J'exalte l'homme devant ce qui l'écrase et ma liberté, ma révolte et ma passion se rejoignent alors dans cette tension, cette clairvoyance et cette répétition démesurée.”²⁵ (CAMUS, 1942, p. 119).

2.3 A revolta, em *La Peste*

Vale salientar, de antemão, que o que interessa à nossa investigação é a noção de revolta como ação que gera o sentimento de coletividade entre os espíritos humanos, e os impulsiona a lutar contra o absurdo, em favor da vida. Portanto, concentramo-nos naquela que mais se evidencia, a nosso ver, em *La Peste*.

²⁴ “Se esse mito é trágico, é que o seu herói é consciente. Onde estaria, de fato, sua pena, se a cada passo o sustentasse a esperança de ser bem-sucedido? O operário de hoje trabalha todos os dias de sua vida nas mesmas tarefas e esse destino não é menos absurdo. Mas ele só é trágico nos raros momentos em que se torna consciente. Sísifo, proletário dos deuses, impotente e revoltado, conhece toda a extensão de sua condição miserável: é nela que ele pensa enquanto desce. A lucidez que devia produzir o seu tormento consuma com a mesma força, sua vitória.” (Idem, 1989, p. 143).

²⁵ “Exalto o homem diante do que o esmaga e minha liberdade, minha revolta e minha paixão se reúnem assim nessa tensão, nesse discernimento e nessa repetição desmesurada.” (Idem, 1989, p. 107).

“Apparemment négative, puisqu’elle ne crée rien, la révolte est profondément positive puisqu’elle révèle ce qui, en l’homme, est toujours à défendre.”²⁶ (Id., *ibid.*, p. 32). A noção de revolta está estritamente atrelada à de absurdo, visto que a primeira se realiza em torno da ação humana em defesa da vida, advinda da tomada de consciência do espírito humano em relação a sua condição. “As descobertas absurdas dizem respeito àquele que as vivencia. Elas não nos oferecem nenhum indicativo quanto ao modo de proceder frente à vida dos outros homens.” (MACHADO, 2010, p. 59). Enquanto que as “descobertas absurdas” fazem o homem se preocupar com a sua existência, de maneira individual, a revolta direciona essas preocupações para o outro – principalmente no que se refere a morte do outro. Desse modo, compreende-se que a revolta reivindica a união entre os espíritos humanos, e se posiciona frente ao absurdo, como forma de combate.

Dans l’expérience absurde, la souffrance est individuelle. A partir du mouvement de révolte, elle a conscience d’être collective, elle est l’aventure de tous. Le premier progrès d’un esprit saisi d’étrangeté est donc de reconnaître qu’il partage cette étrangeté avec tous les hommes et que la réalité humaine, dans sa totalité, souffre de cette distance par rapport à soi et au monde. Le mal qui éprouvait un seul homme devient peste collective. Dans l’épreuve quotidienne qui est la nôtre, la révolte joue le même rôle que le « cogito » dans l’ordre de la pensée : elle est la première évidence. Mais cette évidence tire l’individu de sa solitude. Elle est un lieu commun qui fonde sur tous les hommes la première valeur. Je me révolte, donc nous sommes.²⁷ (CAMUS, 1951, p. 36).

Em *Le Mythe de Sisyphe*, Camus expõe, no início do primeiro capítulo, que o absurdo não é uma conclusão, mas um ponto de partida. A partir dessa afirmação, entendemos que a constatação do absurdo não faz dele uma regra à ação humana. Faz-se necessária, então, uma atitude que o supere. A revolta, por conseguinte, não resolve o absurdo, mas dá subsídio ao homem de viver além dele. “[...] en effet, la révolte, sans prétendre à tout résoudre, peut au moins faire face.”²⁸ (Id., *ibid.*, p. 376).

Constatamos, anteriormente, que o personagem engajado Dr. Rieux – narrador, e um dos principais personagens que compõem a “crônica” –, admite o absurdo; é ciente do mal que cerca os cidadãos de Oran, e não se ilude com a abstração. Outra coisa peculiar a respeito

²⁶ “Aparentemente negativa, já que nada cria, a revolta é profundamente positiva, porque revela aquilo que no homem sempre deve ser defendido.” (Idem, 2017, p. 35).

²⁷ “Na experiência do absurdo, o sofrimento é individual. A partir do movimento da revolta, ele ganha a consciência de ser coletivo, é a aventura de todos. O primeiro avanço da mente que se sente estranha é, portanto, reconhecer que ela compartilha esse sentimento com todos os homens, e que a realidade humana, em sua totalidade, sofre com esse distanciamento em relação a si mesma e ao mundo. O mal que apenas um homem sentia torna-se peste coletiva. Na nossa provação diária, a revolta desempenha o mesmo papel que o cogito na ordem do pensamento: ela é a primeira evidência. Ela é um território comum que fundamenta o primeiro valor dos homens. Eu me revolto, logo existimos” (Idem, 2017, p. 38).

²⁸ “[...] a revolta, na verdade, sem pretender tudo resolver, pode pelo menos tudo enfrentar.” (Idem, 2017, p. 397).

desse personagem, é que a sua atitude frente ao flagelo dos empestados impulsionará outros personagens a se unirem para lutar, juntos, contra a epidemia – considerada aqui como o absurdo materializado. Rieux é um homem consciente da sua condição, sabe que a vida é injusta, e não foge à sua obrigação, que é enfrentar e combater o mal, tentando, a todo custo, evitar a morte de outrem: “Ce que je hais, c’est la mort et le mal, vous le savez bien. Et que vous le vouliez ou non, nous sommes ensemble pour les souffrir et les combattre.”²⁹ (CAMUS, 1947, p. 175).

Por vezes, uma vida gerenciada por hábitos do cotidiano impede que as pessoas mantenham relações sociais com outras que não se enquadram no seu estilo de vida. Logo, a proximidade entre os personagens de *La Peste* se consolida depois que o estado de sítio é decretado, porque, de certa forma, eles são obrigados a compartilharem do mesmo flagelo, ou seja, a sentirem a mesma dor que o outro.

Ainsi, la première chose que la peste apporte à nos concitoyens fut l’exil. Et le narrateur est persuadé qu’il peut écrire ici, au nom de tous, ce que lui-même a éprouvé alors, puisqu’il l’a éprouvé en même temps que beaucoup de nos concitoyens.³⁰ (Id., *ibid.*, p. 57-58).

Exilados e, conseqüentemente, separados dos entes queridos, já não cabia, ao cidadãos de Oran, manter sentimentos individuais, pois estavam todos a experienciar o mesmo mal: “On peut dire que cette invasion brutale de la maladie eut pour premier effet d’obliger nos concitoyens à agir comme s’ils n’avaient pas de sentiments individuels.”³¹ (Id., *ibid.*, p. 55). O sentimento de pertencimento a uma comunidade vai se consolidando ao longo da obra. Através das atitudes dos personagens – os engajados –, o movimento da revolta vai, aos poucos, se manifestando e tomando forma.

“Em um primeiro momento, como seu egoísmo vê no outro homem um pedaço da fatalidade que lhe pode aniquilar, o homem às voltas com o absurdo tende a se isolar e a querer negar o outro, reforçando assim o próprio exílio, a própria peste” (ALVES, 1998, p. 93). Na medida em que compartilhavam o sofrimento, pessoas tão diferentes umas das outras foram descobrindo afinidades, antes ignoradas. O sentimento de solidão, gerado pela separação, impulsionou os personagens a criarem um vínculo entre si. Esse vínculo resulta em

²⁹ “– Como sabe, o que eu odeio é a morte e o mal. E, quer queira, quer não, estamos juntos para sofrê-los e combatê-los.” (Idem, 2013, p. 192).

³⁰ “Assim, a primeira coisa que a peste trouxe aos nossos concidadãos foi o exílio. E o narrador está convencido de que pode escrever aqui, em nome de todos, o que ele próprio sentiu então, já que o sentiu ao mesmo tempo que muitos dos nossos concidadãos.” (Idem, 2013, p. 66)

³¹ “Pode-se dizer que esta invasão brutal da doença teve, como primeiro efeito, o de obrigar nossos concidadãos a agir como se não tivessem sentimentos individuais.” (Idem, 2013, p. 63-64).

uma ação coletiva frente ao mal que assola a cidade. Como afirma Carvalho (2010), “[...] é preciso despertar os gestos que mostram o esforço da superação do egoísmo. O sofrimento desperta a consciência de se pertencer a uma coletividade [...]. A revolta é a primeira evidência que tira o indivíduo de sua solidão.”

As primeiras atitudes tomadas em relação à epidemia originaram-se da insistência do Dr. Rieux em obter uma convocação para a prefeitura de uma comissão sanitária, na qual reconheceram que a doença, até então desconhecida, se tratava da peste bubônica. No entanto, as primeiras medidas tomadas pela administração pública não satisfaziam a demanda da peste. Manipulavam a divulgação sobre a extensão da doença, optando por esconder, dos habitantes, a real situação em que se encontravam. Diante desse quadro, Rieux escolheu por enfrentar a irresponsabilidade administrativa, evitando que a população caísse na abstração. Expôs ao prefeito que as medidas tomadas, até então, eram insuficientes, e que era preciso encarar a realidade: “Si l’épidémie ne s’arrêtait pas d’elle-même, elle ne serait pas vaincue par les mesures que l’administration avait imaginées.”³² (CAMUS, 1947, p. 51). Segundo Camus (1951), a revolta é um movimento que compele o homem à defesa da dignidade comum a todos.

Mais si c’était l’exil, dans la majorité des cas c’était l’exil chez soi. Et quoique le narrateur n’ait connu que l’exil de tout le monde, il ne doit pas oublier ceux, comme le journaliste Rambert ou de d’autres, pour qui, au contraire, les peines de la séparation s’amplifièrent du fait que, voyageurs surpris par la peste et retenus dans la ville, ils se trouvaient éloignés à la fois de l’être qu’ils ne pouvaient rejoindre et du pays qui était le leur.³³ (Id., *ibid.*, p. 59-60).

Rambert – um dos personagens engajados – se encontrava em Oran para realizar uma pesquisa sobre as condições de vida dos árabes. Após o fechamento das portas da cidade, conseqüentemente, torna-se prisioneiro da peste. Isolado e longe de casa, sente-se estrangeiro àquela cidade. De fato ele era um estrangeiro, e levado por um grande desejo de retornar a Paris, para reencontrar sua mulher, tenta sair da cidade de todas as formas possíveis, sendo elas legais ou não. Mas quando consegue atingir, enfim, o seu objetivo, é tomado por um súbito sentimento solidário:

³² “Se a epidemia não parasse por si própria, não seria vencida pelas medidas que a administração tinha imaginado.” (Idem, 2013, p. 58).

³³ “Mas, se havia exílio, na maior parte dos casos era o exílio em casa. E, embora o narrador só tenha conhecido o exílio de todos, não deve esquecer aqueles, como o jornalista Rambert ou outros, para quem, pelo contrário, as agruras da separação se intensificavam, porque, viajantes surpreendidos pela peste e retidos na cidade, se encontravam afastados, ao mesmo tempo, do ente a quem não podiam juntar-se e de seu próprio país.” (Idem, 2013, p. 68).

– Docteur, dit Rambert, je ne pars pas et je veux rester avec vous [...]. Rambert dit qu’il avait encore réfléchi, qu’il continuait à croire ce qu’il croyait, mais que s’il partait, il aurait honte. Cela le gênerait pour aimer celle qu’il avait laissée. Mais Rieux se redressa et dit d’une voix ferme que cela était stupide et qu’il n’y avait pas de honte à préférer le bonheur. – Oui, dit Rambert, mais il peut y avoir de la honte à être heureux tout seul [...]. J’ai toujours pensé que j’étais étranger à cette ville et que je n’avais rien à faire avec vous. Mais maintenant que j’ai vu ce que j’ai vu, je sais que je suis d’ici, que je le veuille ou non. Cette histoire nous concerne tous.³⁴ (Id., *ibid.*, p. 166-167).

Esse sentimento genuíno, que Rambert experienciara, configura a tomada de consciência de um destino compartilhado por todos. “[...] une prise de conscience naît du mouvement de révolte: la perception, soudain éclatante, qu’il y a dans l’homme quelque chose à quoi l’homme peut s’identifier, fût-ce pour un temps.”³⁵ (CAMUS, 1951, p. 26). Então, nada mais justo que compartilhar esse sentimento com aqueles dispostos a vivenciar o destino estabelecido pela peste, em todos os seus pormenores, mas sem sucumbir, de fato, a ele.

Os personagens engajados unem forças para garantir a segurança daqueles que não foram atingidos pela peste, isolando-os em dependências públicas, mas também se encontram na linha de frente dessa batalha, ajudando os infectados nos “hospitais” montados para atender a demanda. Rieux e Castel prestam seus serviços como médicos, tendo que lidar diretamente com os corpos empestados; Grand (funcionário municipal) se ocupa do serviço da estatística do registro civil; Tarrou organiza a formação sanitária, recrutando mão de obra voluntária para o trabalho de isolamento e afins.

Une partie des équipes formées par Tarrou se consacrait en effet à un travail d’assistance préventive dans les quartiers surpeuplés. On essayait d’y introduire l’hygiène nécessaire, on faisait le compte des greniers et des caves que la désinfection n’avait pas visités. Une autre partie des équipes secondait les médecins dans les visites à domicile, assurait le transport des pestiférés et même, par la suite, en l’absence de personnel spécialisé, conduisit les voitures des malades et des morts. Tout ceci exigeait un travail d’enregistrement et de statistiques que Grand avait accepté de faire.³⁶ (CAMUS, 1947, p. 108).

³⁴ “– Doutor – disse Rambert – não vou mais embora, fico com o senhor. Rambert disse que tinha refletido, que continuava a acreditar no que acreditava, mas que, se partisse, teria vergonha. Isso perturbaria o seu amor por aquela que havia deixado. Mas Rieux endireitou-se e disse, com uma voz firme, que aquilo era tolice e que não era vergonha preferir a felicidade. – Sim – disse Rambert – mas pode haver vergonha em ser feliz sozinho [...] Pensei sempre que era estranho a esta cidade e que nada tinha a ver com vocês. Mas, agora, que vi o que vi, sei que sou daqui, quer queira, quer não. A história diz respeito a todos nós.” (Idem, 2013 p. 183)

³⁵ “[...] uma tomada de consciência nasce do movimento da revolta: a percepção, subitamente reveladora, de que há no homem algo com o qual pode identificar-se, mesmo que só por algum tempo.” (Idem, 2017, p. 28).

³⁶ “Com efeito, parte dos grupos formados por Tarrou dedicava-se a um trabalho de assistência preventiva nos bairros muito populosos. Tentava-se introduzir aí a higiene necessária, contando-se as águas furtadas e os porões que a desinfecção não tinha visitado. Uma outra parte dos grupos ajudava os médicos nas visitas domiciliares, garantindo o transporte dos doentes e até, mais tarde, na ausência de pessoal especializado, dirigia os carros dos doentes e dos mortos. Tudo isto exigia um trabalho de registro de estatística que Grand aceitara fazer.” (Idem, 2013 p. 120).

O juiz Mr. Othon, por exemplo, – aquele que perdera o filho para a peste (vítima injusta da doença) – não se entregou ao desespero, e nem a abstração. Após consentirem a sua saída da quarentena, imposta pela administração pública, o juiz decide se voluntariar à formação sanitária, e retorna ao mesmo ambiente de isolamento em que se encontrava, anteriormente, para ajudar os outros que lá estavam. Ao invés do juiz se entregar a sentimentos egoístas, ele prefere lutar para amenizar a dor de todos os cidadãos. Mesmo correndo risco de infecção, esses personagens não fogem ao ofício que tomaram para si.

A revolta permite que o homem tome consciência do seu próprio valor, que transforma então sua própria razão de ser de sua existência. Nada terá mais sentido se não for respeitado aquilo que lhe é essencial. Por isso o revoltado aceita, inclusive, o risco de morrer pelas razões de sua revolta [...]. A revolta é no fundo a descoberta, por homens conscientes, da existência de outras pessoas. O homem revoltado abandona o seu egoísmo e dá as mãos para o seu semelhante. (BARRETO, 1971, p. 71-72)

Reforçando o que foi explicitado acima, “A revolta, ao contrapor-se a tudo aquilo que oprime o homem, ao defender algo no homem que não pode ser violado, revela-nos um ‘valor’.” (MACHADO, 2010, p. 63). Se, nas atitudes dos personagens engajados, encontramos um valor comum que corresponde à ação contra o mal que os oprime, as atitudes de Cottard³⁷ se contrapõem ao movimento genuíno da revolta. Ora, esse personagem tenta fugir de uma situação pessoal através do suicídio, e quando se vê livre de qualquer punição – pelo fato de a epidemia ter desestabilizado uma cidade inteira –, ele se sente livre e feliz. Cottard afirma o seu desejo de que a epidemia não cesse, ao responder a pergunta levantada por Tarrou: “Pourquoi ne viendriez-vous pas avec nous, monsieur Cottard? [...] ce n’est pas mon métier. D’ailleurs, je m’y trouve bien, moi, dans la peste et je ne vois pas pourquoi je me mêlerais de la faire cesser.”³⁸ (CAMUS, 1947, p. 127-128). Nesse caso, Cottard consente a morte – a sua própria, e a dos outros. Vimos em Camus (1951), que o movimento da revolta quando desvirtuado, desemboca no assassinato ou no consentimento da morte do outro. Nessa perspectiva, Cottard consente a morte de uma cidade inteira, ao se acomodar perante a “tirania” da peste, em benefício próprio. Cottar não consegue se referir a um valor comum aos outros personagens, então ele se torna incompreensível para eles, porque seus princípios se divergem.

La solidarité des hommes se fonde sur le mouvement de révolte et celui-ci, à son tour, ne trouve de justification que dans cette complicité. Nous serons donc en droit

³⁷ No primeiro capítulo da obra, ele é apresentado como suicida, mas o narrador não explica o porquê dele ter tentado se suicidar. Fica implícito, ao longo da obra, que ele cometera algum ato ilegal.

³⁸ “– Porque não se junta a nós, senhor Cottard? b[...] – Não é minha profissão. – Além disso, sinto-me bem na peste. Não vejo porque haveria de me empenhar em fazê-la cessar.” (Idem, 2013, p. 140)

de dire que toute révolte qui s'autorise à nier ou à détruire cette solidarité perd du même coup le nom de révolte et coïncide en réalité avec un consentement meurtrier.³⁹ (CAMUS, 1951, p. 35).

Para que o movimento da revolta surta um efeito positivo (coletivo) é preciso que ele tome uma direção rumo ao mesmo objetivo, sempre com o intuito de preservar a dignidade humana. O movimento da revolta manifestou-se de forma positiva e justificada em *La Peste*, através das atitudes dos personagens engajados, porque essas atitudes impulsionaram à coletividade e à solidariedade entre os afetados. Como afirma Maurois (1965), “Uma solidariedade dos homens funda-se sobre o movimento da revolta e este, por seu lado, só encontra justificativa nessa solidariedade.”

Ainda que seja muitas vezes confundida com ressentimento ou apontada como uma atitude egoísta, a revolta nada tem em sua essência que a caracterize como tal. O revoltado nem sempre atua em proveito próprio. Muitas vezes, se insurge contra a opressão imputada a terceiros. Além disso em seu profundo impulso, o revoltado nada preserva, uma vez que tudo arrisca. Ao recusar a humilhação, a revolta tampouco a reclama para os outros, como o faz o ressentimento. Nem é como este, uma auto-intoxicação que passivamente se experimenta. Ela é, ao contrário, uma força extravasante que [...] luta pela integridade do seu próprio ser. (OLIVEIRA, 1988, p. 42).

Para Camus (1951) o homem revoltado se situa antes ou depois do sagrado e dedica-se a reivindicar uma ordem completamente humana, onde todas as respostas sejam humanas. Assim como o absurdo, a noção de revolta tende a escapar do viés divino. Esse é outro fator que legitima a revolta em *La Peste*: a disponibilidade que os personagens engajados têm em relação ao concreto, porque todas as suas atitudes são inteiramente humanas. Segundo o narrador, a atitude de agir contra a peste não é algo admirável, mas apenas consequente. “[...] il fallait lutter de telle ou telle façon et ne pas se mettre à genoux. Toute la question était d’empêcher le plus d’hommes possible de mourir et de connaître la séparation définitive. Il n’y avait pour cela qu’un seul moyen qui était de combattre la peste.”⁴⁰ (CAMUS, 1947, p. 107).

2.4 Os empestados

³⁹ “A solidariedade dos homens se fundamenta no movimento da revolta e esta, por sua vez, só encontra justificativa nessa cumplicidade. Isso nos dá o direito de dizer, portanto, que toda revolta que se permite negar ou destruir a solidariedade perde, ao mesmo tempo, o nome de revolta e coincide, na realidade, com um consentimento assassino.” (Idem, 2017, p. 37-38)

⁴⁰ “[...] era preciso lutar, desta ou daquela maneira, e não cair de joelhos. Toda a questão residia em impedir o maior número possível de homens de morrerem e de conhecerem a separação definitiva. Para isso, havia um único meio – combater a peste.” (Idem, 2013, p. 119)

Através do relato de vida do personagem Tarrou, abordaremos uma nova perspectiva da peste, a qual consideramos pertinente à investigação da manifestação da revolta na obra.

Se os males estão exacerbados em *La Peste* [...] eles não são senão aqueles que existem, difusos, no nosso mundo de todos os dias: medos, privações, morte. Estes que nos pegam sempre desprevenidos, já que [...] não acreditamos que o flagelo, do qual temos notícia, irá se abater sobre nós ou nosso próximo. (OLIVEIRA, 1988, p. 60, grifo nosso).

Em uma conversa informal e amigável, Tarrou confidencia a Rieux a sua mais íntima experiência de vida:

Disons pour simplifier, Rieux, que je souffrais déjà de la peste bien avant de connaître cette ville et cette épidémie. C'est assez dire que je suis comme tout le monde. Mais il y a des gens qui ne le savent pas, ou qui se trouvent bien dans cet état, et des gens qui le savent et qui voudraient en sortir. Moi, j'ai toujours voulu en sortir.⁴¹ (CAMUS, 1947, p. 196-197).

Tarrou relata que aos dezessete anos, persuadido pelo pai – que era procurador geral – a assisti-lo em um caso muito importante no Supremo, teve o seu primeiro contato com o “assassinato”, ao ver seu pai condenar um réu à morte. A partir desse dia, passou a se interessar com horror pela justiça, pelas condenações à morte, e pelas execuções. Perturbado ao imaginar que o pai poderia ter assistido a inúmeros “assassinatos”, não suportou ficar muito tempo ao seu lado, e partiu de casa em menos de um ano.

Depois de exercer várias profissões para ganhar a vida, seu interesse ainda estava voltado para a condenação à morte, e assim decidiu entrar na política para ajustar as contas com esse fantasma que o perseguia, pois não queria ser atacado pela “peste”. Acreditava que vivia em uma sociedade que era conivente com a condenação à morte e achava que, ao combatê-la, combateria também o assassinato: “Bien entendu, je savais que, nous aussi, nous prononcions, à l'occasion, des condamnations. Mais on me disait que ces quelques morts étaient nécessaires pour amener un monde où l'on ne tuerait plus personne.”⁴² (Id., *idid.*, 200). Tarrou prosseguiu com o seu trabalho, embora incomodado, até o dia em que, de fato, viu uma execução, e todos os sentimentos que experienciara quando adolescente, vieram à tona.

J'ai compris alors que moi, du moins, je n'avais pas cessé d'être un pestiféré pendant toutes ces longues années où pourtant, de toute mon âme, je croyais lutter justement contre la peste. J'ai appris que j'avais indirectement souscrit à la mort de

⁴¹ “– Digamos, para simplificar, Rieux, que eu já sofria da peste muito antes de conhecer esta cidade e esta epidemia. Basta dizer que sou como todos. Mas há pessoas que não o sabem ou que se sentem bem nesse estado e pessoas que o sabem e que gostariam de sair dele. Por mim, quis sempre sair dele.” (Idem, 2013, p. 214).

⁴² “É claro, eu sabia que também nós procedíamos, ocasionalmente, a condenações. Mas diziam-me que essas poucas mortes eram necessárias para construir um mundo em que não se mataria ninguém.” (Idem, 2013, p. 218).

milliers d'hommes, que j'avais même provoqué cette mort en trouvant bons les actions et les principes qui l'avaient fatalement entraînée.⁴³ (Id., *ibid.*, p. 201).

Ao se envolver com a política, sentiu que tinha, de certa forma, e mesmo que de longe, compactuado com os “assassinatos”, e por muito tempo sentiu uma vergonha mortal disso. Desde então, ele carrega esse estigma, e devido a sua experiência, conclui que todos os homens trazem dentro de si a peste – quer dizer, em outras palavras, que todos os homens carregam dentro si a capacidade de matar ou consentir a morte de outra pessoa. Como podemos ver em suas próprias palavras:

Avec le temps, j'ai simplement aperçu que même ceux qui étaient meilleurs que d'autres ne pouvaient s'empêcher aujourd'hui de tuer ou de laisser tuer parce que c'était dans la logique où ils vivaient, et que nous ne pouvions pas faire un geste en ce monde sans risquer de faire mourir. Oui, j'ai continué d'avoir honte, j'ai appris cela, que nous étions tous dans la peste [...]. Et c'est pourquoi j'ai décidé de refuser tout ce qui, de près ou de loin, pour de bonnes ou de mauvaises raisons, fait mourir ou justifie qu'on fasse mourir. C'est pourquoi encore cette épidémie ne m'apprend rien, sinon qu'il faut la combattre à vos côtés. Je sais de science certaine [...] que chacun la porte en soi, la peste, parce que personne, non, personne au monde n'en est indemne. Et qu'il faut se surveiller sans arrêt pour ne pas être amené, dans une minute de distraction, à respirer dans la figure d'un autre et à lui coller l'infection.⁴⁴ (Id., *ibid.*, p. 202-203).

Essa constatação o “preparou para uma consciência aguda da responsabilidade e solidariedade em relação ao outro” (CARVALHO, 2010, p. 106). Tarrou, então, decide lutar contra a peste que ele mesmo traz dentro si, para não transmiti-la para outra pessoa. Ele também não se coloca em posição de julgamento; compreende apenas que há no mundo flagelos e vítimas, e que é necessário recusar, o máximo possível, estar com o flagelo. Se Tarrou carrega consigo a peste, ele também traz consigo a revolta, porque ele não se deixa sucumbir ao mal; ele defende, diariamente, a vida.

O absurdo da peste que antes era um mal externo, e por mais que durasse, um dia ele desapareceria, agora ele é um mal do espírito. Esse estado contínuo de peste, do qual o homem não pode se desvencilhar, o coloca em uma posição de escolha. Os homens de Oran, por exemplo, em sua grande maioria, escolheram combatê-lo, através do genuíno movimento

⁴³ “Compreendi assim que eu, pelo menos, não tinha deixado de ser um empestado durante todos esses longos anos em que, no entanto, com toda a minha alma, eu julgava lutar contra a peste. Descobri que tinha contribuído indiretamente para a morte de milhares de homens, que tinha até provocado essa morte, achando bons os princípios e as ações que a tinham fatalmente acarretado. (Idem, 2013, p. 219).

⁴⁴ “Com o tempo compreendi apenas que até os que eram melhores que outros não se conseguiam impedir, hoje, de matar ou de deixar matar, porque estava na lógica em que viviam, e que não se podia fazer um gesto neste mundo sem se correr o risco de fazer morrer. Sim, continuei a ter vergonha, aprendi isso – que estávamos todos na peste – e perdi a paz [...]. E foi por isso que decidi recusar tudo o que, de perto ou de longe, por boas ou más razões, faz morrer ou justifica que se faça morrer. É ainda por isso que esta epidemia não me ensina nada senão que é preciso combatê-la a seu lado. Sei de ciência certa [...] que cada um traz em si a peste, porque ninguém, não, ninguém no mundo está isento dela. Sei ainda que é preciso vigiar-se sem descanso para não se ser levado, num minuto de distração, a respirar na cara de outro e transmitir-lhe a infecção.” (Idem, 2013, p.220).

da revolta: “La révolte prouve par là qu’elle est le mouvement même de la vie et qu’on ne peut la nier sans renoncer à vivre. Son cri le plus pur, à chaque fois, fait se lever un être.”⁴⁵ (CAMUS, 1951, p. 376).

⁴⁵ “Com isso, a revolta prova que ela é o próprio movimento da vida e que não pode negá-la sem renunciar à vida. Seu grito mais puro, a cada vez, faz com que um ser se revolte.” (Idem, 2017, p. 396).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nós nos propusemos a analisar o romance *La Peste*, de Albert Camus, a fim de situá-la como obra que transita entre os conceitos de *absurdo* e *revolta*. Tínhamos como objetivo evidenciar e discutir os elementos referentes a cada conceito. Com efeito, confirmamos a presença tanto da noção de absurdo quanto da revolta na obra. Comprovamos que apesar de *La Peste* pertencer ao “ciclo da revolta”, a noção de absurdo se manifesta na obra através do tema, do gênero abordado e nas atitudes dos personagens.

A respeito do tema, por exemplo, vimos que a peste bubônica configura o mal no mundo, e o mal representa a manifestação mais evidente do absurdo. A peste despertou os personagens de uma vida mecânica, e impôs um destino mortal. Para Camus, o espírito humano tem uma tomada de consciência através da experiência do absurdo, e a lucidez permite que o homem se posicione frente a essa experiência. Logo, os personagens engajados de *La Peste* não se entregaram a abstração e enfrentaram o mal através de ações concretas, completamente humanas. Para combater o absurdo, era preciso que existisse um valor moral comum a todos. Os personagens Rieux, Tarrou, Grand e Rambert compartilhavam desse valor, e por isso assumiram a luta contra a peste.

Constatamos, então, que a noção de revolta se manifesta através da ação dos personagens contra a epidemia, gerando o sentimento de coletividade e solidariedade. Pois a revolta nasceu exatamente da tomada de consciência dos personagens em relação ao flagelo da peste, e o absurdo maior que é a morte. Se a *revolta* é a contrapartida exigida para superar o *absurdo*, e se ela se realiza em torno da ação humana em defesa da vida, os personagens engajados defenderam a vida de todos os cidadãos de Oran, posicionando-se contra o absurdo da peste. Então, a *revolta* se manifestou como uma ação positiva, que visa à integridade humana, e de forma coletiva. Por fim, constatou-se que ambos os conceitos se complementam mutuamente na obra, pois a revolta se manifesta através da experiência do absurdo.

Acreditamos que *La Peste* reflete a história de muitas sociedades que, desavisadamente, tiveram que lidar com flagelos coletivos, seja por doença, guerra ou fome. É uma obra que permite inúmeras interpretações. Portanto, consideramos que a nossa análise trilhou apenas um dos muitos caminhos que poderiam ser percorridos na obra. Ela foi analisada a partir de um ponto de vista que achamos pertinente investigar, mas de modo algum esgota o assunto abordado.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução e notas de Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

ALVES, Marcelo. **Camus: entre o sim e o não a Nietzsche**. 1998. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Curso de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/77819>>. Acesso em 2 mar. 2018.

BARRETO, Vicente. **Camus: vida e obra**. Rio de Janeiro: José Álvaro, Editor S.A., 1971.

BRUÉZIÈRE, Maurice. **La Peste d'Albert Camus**. Paris, France: Hachette, 1972.

CANÇADO, Maura Lopes. **Hospício é Deus: Diário I**. Rio de Janeiro: Record, 1979. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/217114560/HOSPICIO-E-DEUS-pdf>>. Acesso em 15 de Mar. 2018.

CAMUS, Albert. **La Peste**. Paris : Gallimard, 1947.

_____. **Le Mythe de Sisyphe**. Paris : Gallimard, 1942

_____. **L'Homme Révolté**. Paris : Gallimard, 1951

_____. **A Peste**. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 2013.

_____. **O Mito de Sísifo**. Tradução de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

_____. **O Homem Revoltado**. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Recorde, 2017.

CARVALHO, José Jackson Carneiro de. **Tragédia do absurdo**. João Pessoa: Ideia, 2010.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da mitologia grega e romana**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 422-423.

LAMEIRINHA, Cristianne Aparecida de Brito. **O Sentido do exílio em La Peste de Albert Camus**. 2006. Dissertação (Mestre em Letras) – Departamento de Letras Modernas de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-08112007-144148/pt-br.php>>. Acesso em 20 de mar. 2018.

LEBESQUE, Morvan. **Camus par lui-même**. Paris: Seuil, 1973.

MAUROIS, André. **De Proust a Camus**. Tradução de Fernando Py. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1965.

MACHADO, Patrícia de Oliveira. **Absurdo, Revolta, Ação: Albert Camus**. 2010. Dissertação (Mestre em Filosofia) – Departamento de Filosofia, Universidade de Brasília, Brasília. <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8387/1/2010_PatriciadeOliveiraMachado.pdf>. Acesso em 14 abr. 2018.

MIQUEL, Pierre. **La Révolte**. Paris-Montréal: Hachette, 1971.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 448-450.

OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. **A Revolta em Albert Camus**. 1988. Dissertação (Mestre em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais. Disponível em : <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-9W9JCP> >. Acesso em 5 abr. 2018.

PIMENTA, Danilo Rodrigues. **A criação absurda segundo Albert Camus**. 2010. Dissertação (Mestre em Filosofia) – Estética e Filosofia da Arte, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto. Disponível em: < <http://docplayer.com.br/25823168-A-criacao-absurda-segundo-albert-camus.html> >. Acesso em 25 mar. 2018.

SILVA, Nilson Aduino Guimarães da. **A Revolta na obra de Albert Camus: posicionamento no campo literário, gênero, estética e ética**. 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/pgneolatinas/media/bancoteses/nilsonadaoutoguimaraesdasilvadoutorado.pdf>>. Acesso em: 14 de jun. 2018.